

A CATEGORIA “PRONOME” NA CONSTRUÇÃO DA METALINGUAGEM NO PORTUGUÊS

Márcia Cristina de Brito RUMEU
Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO

Este artigo apresenta uma investigação sobre a concepção do rótulo ‘Pronome’ na construção do discurso da tradição grammatical em gramáticas greco-latinas e portuguesas. O objetivo deste estudo é o de analisar que categorias lingüísticas são entendidas sob a classificação de ‘Pronome’, tratando dos critérios que nortearam a gênese e a transformação da metalinguagem no Português.

ABSTRACT

This paper presents an investigation on the conception of the label “Pronoun” in speech constructions of grammatical tradition in Greco-Roman and Portuguese grammars. This study aims to analyze which linguistic categories are gathered under the classification of a “Pronoun”. We deal with criteria that conducted the emergence and transformation of metalanguage in the Portuguese language.

PALAVRAS-CHAVE

Tradição gramatical; Categorias lingüísticas; Gramática tradicional; Gramáticas greco-latinas e portuguesas; A categoria ‘Pronome’.

KEY WORDS

Grammatical tradition; Linguistic categories; Traditional grammar; Greco-Roman and Portuguese grammar; The label “Pronoun”.

1 Considerações iniciais

Avaliar a gramática ocidental tradicional do português como dogmática e normativa tão somente em virtude da tradição grammatical implica

minimizar ou, até mesmo, desprezar o seu processo de instauração na cultura helênica. Que indícios da tradição gramatical são depreensíveis no atual discurso das gramáticas normativas contemporâneas? Acredita-se que, para responder a essa pergunta, seja necessário entender o processo de *gramaticização*, isto é, o processo de constituição da gramática. Auroux (1992, p. 65) entende por *gramaticização* “o processo que conduz a descrever e a instrumentar uma língua na base de duas tecnologias, que são ainda hoje os pilares de nosso saber metalingüístico: a gramática¹ e o dicionário.” Com base na noção de *processo de gramaticização*, este estudo visa a investigar a concepção do rótulo *pronomé* na construção do discurso da tradição gramatical em gramáticas greco-latinas e portuguesas. Pretende-se analisar que categorias lingüísticas são entendidas sob a classificação de *pronomé*, atentando para os critérios que nortearam a gênese e a transformação da metalinguagem no português.

Esboçar o processo de formação do discurso da gramática tradicional portuguesa no que toca, especificamente, à definição do rótulo *pronomé* perpassa, inicialmente, pela leitura e triagem das investigações lingüísticas relevantes à reflexão que ora se constrói. Assim sendo, selecionaram-se os seguintes estudos gramaticais: *Sobre a língua latina* (VARRÃO, 1993 [séc. I a.c.]), *Sintaxis* (APOLÔNIO DÍSCOLO, 1987 [séc. II d.c.]), *Gramática Castellana* (NEBRIJA, 1992, [1492]), *Gramática da Linguagem Portuguesa* (OLIVEIRA, 2001, [1536]), *Gramática da Língua Portuguesa* (JOÃO DE BARROS, 2006 [1540]), *Minerva o De la propiedad de la lengua latina* (LAS BROZAS, 1976 [1587]), *Gramatica de Port-Royal* (ARNAULD; LANCELOT, 2001 [1660]) e *Arte da Gramática da Língua Portuguesa* (REIS LOBATO, 1824 [1770]), *Gramática Normativa da Língua Portuguesa* (ROCHA LIMA, 2001 [1972]), *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (CUNHA; CINTRA, 1985). A escolha desses referenciais lingüísticos fundamentou-se na busca por delinear as perspectivas teóricas que legitimaram tanto o discurso das gramáticas greco-latinas, quanto o discurso das gramáticas portuguesas em seus respectivos contextos sócio-históricos.

O gramático alexandrino Dionísio o Trácio é considerado “o verdadeiro organizador da arte da gramática na Antiguidade, dando-lhe uma forma que, por muito tempo, foi definitiva e cujos traços fundamentais ainda hoje podem ser reconhecidos em muitas obras gramaticais do Ocidente”, segundo Neves (2005, p. 125). Na sua (*téchne*) *grammatiké*, editada somente em 1715, Dionísio descreve as *oito* partes do discurso (*classes gramaticais*) do grego, quais sejam: *nome, verbo, particípio, artigo, pronome, preposição, advérbio e conjunção*. Dionísio acrescenta as noções de *advérbio, particípio, pronome e preposição* aos conceitos de *nome, verbo, artigo* e *conjunção* já pensados pelos estóicos². Outras contribuições de Dionísio se referem ao fato de o autor distinguir o *particípio verbal* da categoria *verbo*, prática não assumida pela *gramática tradicional* contemporânea, separar, dentre as *conjunções*, as *preposições* e dentre os *artigos*, os *pronomes*. Uma outra inovação de Dionísio é a concepção do *pronome relativo* como um tipo de *artigo*, posicionamento este também adotado por Apolônio Díscolo que, no séc. II d.c, o denomina *artigo pospositivo*. Segundo Neves (2005), a opção assumida por Dionísio o Trácio em relação à categorização de *oito* partes do discurso da língua grega reproduz o pensamento do gramático Aristarco³ (215-145 a.c.).

Passa-se, agora, a uma breve apresentação do perfil teórico do *corpus* de gramáticas que embasa este estudo lingüístico. Preferiu-se discutir, nas considerações finais, o rótulo *pronome*, sob a expectativa das gramáticas do português da contemporaneidade, representadas pelas gramáticas de Rocha Lima (2001 [1972]) e de Cunha e Cintra (1985), a fim de atrelar a análise da expressão de tal *rótulo* lingüístico ao perfil teórico de tais compêndios gramaticais do português contemporâneo, conforme se verifica também no quadro 7 em que se apresentam, ainda que de forma panorâmica, as subcategorizações do *pronome* nas gramáticas greco-latinas e portuguesas em análise.

A relevância do estudo da língua latina confeccionado por Varrão (séc. I a.c) reside no fato de representar a expressão do pensamento dos gramáticos alexandrinos à luz da perspectiva de análise de um gramático

romano. O objetivo principal do autor é “*aplicar a gramática grega ao latim clássico*”, segundo Mattos e Silva (2002, p.19). Assim sendo, cabem os seguintes questionamentos: se o intuito de Varrão, já no séc. I a.c., é o de aplicar a gramática grega ao *latim clássico*, como o rótulo *pronomе* foi concebido em tal estudo sobre a *língua latina*? A análise do rótulo *pronomе* formulada por Varrão, no séc. I a.c., estaria em consonância com a de Dionísio o Trácio que já havia pensado, no séc. II a.c., tal parte do discurso?

No estudo da sintaxe helênica, Apolônio Díscolo (séc. II d.c) esmera-se na descrição taxonômica das *classes de palavras* do grego, focalizando a noção de *conexão* entre as partes do discurso. Ao descrever as *classes de palavras* do grego, o autor o faz à luz da filosofia, expondo as categorias gramaticais a partir de definições em que privilegia o significado sobre a forma. Assim sendo, é importante investigar a abordagem do rótulo *pronomе* na língua grega com o intuito de responder à seguinte questão: o que, na gramática tradicional da contemporaneidade, ainda se conserva do discurso de Apolônio Díscolo (séc. II d.c)?

Na *Gramática Castellana* (1992 [1492]), Antonio Nebrija sugere a restauração do ensino do latim. Para tal, o autor propõe que a erudição em língua latina se dê a partir do ensino da língua nativa dos falantes, isto é, o autor recomenda que o ensino produtivo de latim se concretize a partir da língua castelhana. O destaque da gramática de Nebrija está na metodologia de ensino de língua com base na descrição da língua latina orientada pelos princípios básicos da lingüística contrastiva e da gramática universal. Assume o autor, como ponto de partida, a matéria lingüística que é natural às línguas humanas, passando à descrição, na língua nativa do aluno (*castelhano*), das particularidades da língua em análise (*língua latina*). Nebrija define a *palavra* como parte da oração e ao descrever tais partes da oração, esclarece, inicialmente, que tanto os gregos, quanto os latinos admitem que a oração pode se estruturar em *oito* partes (Cf. os *gregos*; são elas: *nome*, *pronomе*, *artigo*, *verbo*, *particípio*, *preposição*, *advérbio* e *conjunção*; Cf. os *latinos*; são elas: *nome*, *pronomе*, *verbo*, *particípio*, *preposição*, *advérbio*, *conjunção* e *interjeição*). No castelhano, porém,

distinguem-se *dez* partes da oração (*nome, pronomе, artigo, verbo, particípio, gerúndio, nome participial infinito, preposição, advérbio e conjunção*). Como Nebrija se propõe, no séc. XV, a restaurar o ensino de latim que, segundo ele, deve se dar na língua nativa do aluno (*castelhano*), convém investigar como o autor concebe o *pronomе* em *castelhano* e em que aspectos as suas subcategorizações foram preservadas ou não pela gramática tradicional contemporânea.

A *Minerva* o *De la propiedad de la lengua latina*, produzida por Francisco Sánchez de Las Brozas, na Espanha seiscentista, 1587, é uma gramática de base racionalista regida pelo objetivo de expor os princípios internos de estruturação da língua latina. Segundo Las Brozas, a gramática é uma ciência a ser examinada à luz da razão, uma vez que a língua apresenta uma organização lógica que merece ser descrita e analisada. Pretende-se, pois, investigar a abordagem do rótulo *pronomе* concedida por Las Brozas, ao analisar a língua latina, à luz da perspectiva racionalista.

Os estudiosos de Port-Royal, Arnauld e Lancelot, confeccionaram, em 1660, a *Grammaire générale de Port-Royal* cuja intenção principal era a de defender a idéia de que as línguas humanas se constituem a partir da razão, isto é, se estruturam a partir do *pensamento humano*. Assim sendo, as “(...) as diferentes línguas são apenas variedades de um sistema lógico e racional mais geral.”, conforme admitem Arnauld e Lancelot (*apud* LYONS, 1979, p. 17-18). Neste trabalho, deseja-se investigar como, no séc. XVI, o *pronomе* é abordado, à luz do racionalismo francês, e quais são os resquícios da tradição gramatical greco-latina que ainda se deixam entrever nas subcategorizações assumidas por tal rótulo.

No que se refere às gramáticas do português, tem-se em análise a *Gramática da Linguagem Portuguesa* (2000 [1536]) de Fernão de Oliveira, a *Gramática da Língua Portuguesa* (2006 [1540]) de João de Barros e a *Arte da Gramática da Língua Portuguesa* (1824 [1770]) de Reis Lobato.

Fernão de Oliveira em sua obra intitulada *Gramática da Linguagem Portuguesa* expõe uma descrição de aspectos fonéticos e fonológicos produtivos no português seiscentista (*norma objetiva da língua*) opondo-

os ao que é passível ou não de realização conforme as regras de estruturação interna do sistema da língua portuguesa. A originalidade da gramática seiscentista de Oliveira reside no caráter descritivo de sua obra, antecipando-se a apresentar, ainda que inconscientemente, a visão científica de língua, isto é, a idéia de língua como objeto de estudo lingüístico a ser revelada por Saussure, no séc. XIX, em 1916⁴.

A *Gramática da Língua Portuguesa* de João de Barros representa, na sociedade portuguesa seiscentista, uma obra que, em virtude de seu grau de sistematicidade de apresentação dos conceitos lingüísticos, através de paradigmas e quadros resumitivos, permite entendê-la como uma *gramática pedagógica* voltada para o ensino de português.

A *Arte da Grammatica Portugueza* de Antonio Jozé dos Reis Lobato, produzida na realidade sócio-histórica de Portugal, no séc. das “Luzes”, também foi selecionada para esta análise devido ao seu caráter *pedagógico*. Reis Lobato expõe o Alvará Régio de 1770 através do qual o rei ordena que os mestres da língua latina passem a educar a *mocidade portuguesa* com base na tal *Arte da Grammatica Portugueza*, pensada pelo Bacharel Reis Lobato, por se tratar de uma obra dotada de clareza e método para o ensino do português escorreito.

Deseja-se esboçar a gênese da reflexão gramatical em relação ao rótulo *pronomé* no português com base nas gramáticas de Fernão de Oliveira (séc. XVI), de Barros (séc. XVI) e de Reis Lobato (séc. XVIII) em virtude do caráter *descritivo-pedagógico* com que foram concebidas.

2 O ‘Pronome’ em gramáticas greco-latinas: a herança clássica

Nesta sessão do trabalho, pretende-se refletir sobre a tradição gramatical no que se refere à abordagem do rótulo *pronomé* em estudos lingüísticos que têm o foco voltado para o latim, como o do gramático romano Varrão (séc. I a.c), como os dos gramáticos espanhóis Nebrija (séc. XV) e Las Brozas (séc. XVI), como também o estudo lingüístico sobre a sintaxe grega cuja autoria é de Apolônio Díscolo (séc. II d.c).

O gramático romano Varrão, em sua obra *Sobre a língua latina* (séc. I a.c.), tinha o modelo grego como base para a confecção dos estudos gramaticais. Influenciado pelos gramáticos da escola Alexandrina, o autor tem por objetivo aplicar a gramática grega ao latim clássico (latim padrão).

QUADRO 1
Os rótulos *artigo* e *pronome*, segundo Varrão, séc. I a.c.

ARTIGOS	PRONOMES	
	PROVOCABULA	PRONOMINA
<i>Quis, Quae, Quod</i> (<i>pronomes interrogativos</i>)		
<i>Hic, Haec, Hoc</i> (<i>pronomes demonstrativos</i>)	Não subordinam	Subordinam

Ao descrever os tipos de *nomes* latinos, Varrão considera que os vocábulos *quis, quae, quod* (classificados como *pronomes interrogativos* pela gramática latina), *hic, haec, hoc* (classificados como *pronomes demonstrativos* pela gramática latina) constituem os *artigos* do latim. O autor, ao rotular de *artigos* categorias da língua latina que tradicionalmente são consideradas *pronomes*, deixa claro que se trata de palavras que se caracterizam por articular, recorrendo assim à genuína noção de *artigo* provinda do latim “*articulus -i – ‘unir pelas articulações’, ‘juntar por cadeias’, ‘ligar, unir’*” (Cf. CUNHA, 1982, p. 73). Na gramática do português seiscentista, confeccionada por João de Barros, o autor parece comungar dessa definição de *artigo* formulada por Varrão, visto que esclarece que o nome *artigo* provém de “*articulus, diçam latina derivada de arthon, grega, que quer dizer juntura de nervos, a que nós propriamente chamamos ‘artelho.’*” (BARROS, 2006 [1540], p. 8). Em nota de rodapé, Varrão elucida que há dois tipos de pronomes em latim: o *provocabula* e o *pronomina*. A distinção feita entre tais *pronomes* é a seguinte: enquanto este não subordina, aquele subordina.

Apolônio Díscolo como um autor alexandrino do séc. II d.c produz um pormenorizado estudo de base filosófica acerca da *sintaxe helênica* compondo-o de muitos exemplos que evidenciassem o rigor filológico

tão característico do espírito alexandrino. A partir de um raciocínio analógico, o autor constrói a sua reflexão sobre a sintaxe grega, esforçando-se por fundamentá-la na lógica. Apolônio concebe a *língua* como um sistema em que os termos da oração se mantêm conectados. Assim sendo, o autor se preocupa em descrever a sintaxe do grego, submetendo-a ao racionalismo lógico de modo a sobrepor a razão ao uso lingüístico.

Apolônio vincula o estudo teórico da sintaxe da língua grega ao fato de *nome* e *verbo* serem os elementos fundamentais da oração. Entende que uma *oração perfeita* é constituída pelo *nome* e, em seguida, pelo *verbo*, sem os quais não se tem uma oração completa. Com base nessas idéias, observa-se um certo grau de consciência do autor em relação à noção de hierarquia sintática entre os termos da oração, ainda que teça tal consideração muito mais à luz da semântica (*significado*) dos conceitos de *nome* e *verbo* do que a partir da noção de que o foco da sintaxe é a organização dos termos na oração.

QUADRO 2

Os rótulos *Pronome* e *Artigo* segundo Apolônio Díscolo, séc. II d.c.

PRONOME

Definição: “(...) o pronome é o que se usa no lugar do nome e o que representa o nome e está claro que o seu significado é a noção de pessoa que nele está contida.” (Cf. APOLÔNIO DÍSCOLO, 1987: 160 [séc. II d.c.].)

(CLASSIFICAÇÃO E FUNÇÃO)

Pronomes pessoais (primitivos), possessivos (derivados) e demonstrativos. Excluem-se, pois, a partir dessa definição de pronome, os *interrogativos*, os *indefinidos* e os *relativos*. Os *relativos* são tratados por Apolônio Díscolo como *artigos pospositivos*.

Funções dos Pronomes: 1. Déiticos: a) pessoais de 1^a e 2^a pessoas do discurso; pronomes demonstrativos; 2. Anafóricos: pronomes de 3^a pessoa do discurso; 3. Pessoais: a) simples: ortotônicos e átonos; b) compostos: reflexivos.

ARTIGO PREPOSITIVO *versus* ARTIGO POSPOSITIVO

O Artigo Prepositivo (Artigo Determinado) atua com o *substantivo*.

O Artigo Pospositivo (Artigo Relativo) mantém uma relação de dependência sintática com a oração a ele integrada em virtude da referência ao *nome* antecedente.

Ao expor a função dos *pronomes*, Apolônio (APOLÔNIO DÍSCOLO, 1987, p. 158-123 [séc. II d.c]) admite que eles se “usam no lugar dos nomes, sendo intolerável a sua construção com artigos precedendo-os (...) devido à indistinção formal de gênero que apresentam.” Segundo o autor, o *artigo* é anterior ao *pronomes* uma vez que coexiste com o *nome* que, por sua vez, é por ele substituído. Classifica os *pronomes* como pessoais (*primitivos*), possessivos (*derivados*) e demonstrativos que podem assumir, no discurso, as funções de *dêiticos* ou de *anafóricos*. Como *dêiticos* podem atuar os pronomes de 1^a e 2^a pessoas do discurso [*yo (eu)*, *tú (tu)*], os *pronomes demonstrativos* [*aquél (aquele)*, *este (este)*] e os *pronomes possessivos* [*mío (meo)*, *nuestro (nosso)*, *tuyo (teu)*] que podem ser usados deiticamente em 1^a e 2^a pessoas, ainda que acompanhados de *artigos* [*el mío (o meu)*, *el tuyo (o teu)*, *el nuestro (o nosso)* – “*el padre el mío filosofa*” (“*o padre o meu filósofo*”)]; como *anafóricos* podem operar os pronomes pessoais de 3^a pessoa do discurso [*el (ele)*, *la (ela)*], os pronomes pessoais simples – ortotônicos [*a mi (a mim)*] e átonos (*me*) – e os compostos [*de sí mismo(s)* – *de si mesmo(s)* –, *a sí mismo(s)* – *a si mesmo(s)*], isto é, os reflexivos.

É interessante observar que Apolônio atenta para o caráter demonstrativo do *pronomes*, assim como também o fará Reis Lobato que, no séc. XVIII, chega ao extremo da coerência de incluir os *pronomes pessoais* do português setecentista dentre os *pronomes demonstrativos* com base na idéia de que os *pronomes pessoais* são responsáveis por mostrar as pessoas envolvidas na situação dialógica do discurso (1^a pessoa – *eu* – quem fala, 2^a pessoa – *tu* – com quem se fala e 3^a pessoa – *ele (a)* – de quem se fala). No entanto, Apolônio se limita somente a evocar brevemente o caráter *dêitico (mostrativo)* do *pronomes*, ao assinalar o fato de os *pronomes de 1^a e 2^a pessoas* – *yo (eu)* e *tú (tu)* – apontarem para os *nomes* que representam no eixo dialógico (*língua falada*), encontrando-se, pois, despojados de referência, isto é, são *indefinidos*, quando estão escritos (*língua escrita*).

(...) los pronombres [de primera y segunda persona] para nada sirven despojados de la persona que señala y de la que es señalada (de la función demostrativa del pronombre); por eso, cuando están escritos, los pronombres personales son totalmente indefinidos, puesto que se encuentran desligados de su propio soporte material (esto es, carecen de sustancia significativa) (...) los pronombres se instituyeron no porque los nombres no pudieran usarse en las tres personas, sino porque carecen de poder deíctico, que es justamente lo característico de los pronombres.

(APOLÔNIO DÍSCOLO, 1987, p. 176-178 [séc. II d.c].).

Ao descrever a sintaxe grega, Apolônio distingue o *artigo prepositivo* (*artigo determinado*) do *artigo pospositivo* (*pronomé relativo*) com base em suas construções sintáticas distintas. O *artigo prepositivo* aliado ao *substantivo* relaciona-se a um mesmo verbo ou particípio como se observa nas seguintes frases, respectivamente: un hombre passea (um homem passeia), oí a un hombre cantando (um homem cantando). Já o *artigo pospositivo* (*pronomé relativo*) assume uma relação de dependência sintática com o *verbo* a que está conectado e ao *nome* que o antecede, como se verifica na seguinte sentença: *me encontré com un hombre al que ofrecí hospitalidade* (*me encontrei com um homem ao qual ofereci hospitalidade*).

A originalidade da *Gramática Castellana* de Nebrija reside no objetivo de reconstituição da integridade da língua latina através da concepção da primeira gramática do castelhano-espanhol. O conceito de *gramática* que conduz a reflexão lingüística de Nebrija é o de ciência que trata da harmonia das palavras a partir da estabilidade entre o mundo real e o mundo verbal (*língua escrita*) a ser estabelecida pelo respeito aos princípios analógicos nos quais a gramática se estabelece.

QUADRO 3
O rótulo *pronomē* na concepção de Nebrija, séc. XV.

PRONOME

Definição: “Pronome é uma das dez partes da oração: a qual se declina por casos e tem pessoas determinadas. E chama-se pronomē: porque se põe no lugar do nome próprio.” (NEBRIJA, 1992: 237 [1492])

CLASSIFICAÇÃO DO PRONOME

As espécies de *pronomē* são as seguintes: os primogênicos (*io, tu, si, este, esse, el*) e os derivados (*mio, tuio, suio, nuestro, vosso*).

ACIDENTES DO PRONOME⁵

1º) espécie: primogênita (*io, tu, si, este, esse, el*), derivada (*mio, tuio, suio, nuestro, vosso*), três cortados (*di mio mi, de tuio tu, de suio su*); 2º) figura: simples (*este, esse, el*), composta (*aqueste, aquesse, aquel, io mesmo, tu mesmo, él mesmo, si mesmo, este mesmo, esse mesmo, el mesmo, nos otros, vos otros*); 3º) gênero: masculino (*este*), feminino (*esta*), neutro (*esto*), comum de três (*io, mi*); 4º) número (singular – *io*, plural – *nos*); 5º) pessoa: 1^a (*io, nos, mio, nuestro, esto, aquesto*), 2^a (*tu, vos, tuio, nuestro, esso, aquesso*), 3^a (*el, ellos*); 6º) declinação⁶: No número de um: 1º caso: *io*; 2º caso: *de mi*; 3º caso: *me, ami*; 5º caso: *não tem*. No número de muitos: 1º caso: *nos*; 2º caso: *de nos*, 3º caso: *a nos*, 4º caso: *a nos*; 5º caso: *não tem*. No número de um: 1º caso: *tu*; 2º caso: *de ti*; 3º caso: *te, a ti*; 4º caso: *te, a ti*; 5º caso: *tu*. No número de muitos: 1º caso: *vos*; 2º caso: *de vos*; 3º caso: *vos, avos*; 4º caso: *avos*; 5º caso: *vos*. Em número de um: 2º caso: *de si*; 3º caso: *se, a si*; 4º caso: *se, a si*; 1º e 5º casos: *não tem*. Em número de muitos: 2º caso: *de si*; 3º caso: *se, asi*; 4º caso: *se, asi*; 1º e 5º casos: *não tem*. No número de um: 1º caso: *este, esta, esto*; 2º caso: *deste, desta, desto*; 3º caso: *a este, a eta, a esto*; 4º caso: *a este, a esta, a esto*; 5º caso: *não tem*. No número de muitos: 1º caso: *estos, estas*; 2º caso: *destos, destas*; 3º caso: *a estos, a estas*; 4º caso: *a estos, a estas*; 5º caso: *não tem*. No número de um: 1º caso: *esse, essa, esso*; 1º caso: *el, ella, ello*; 1º caso: *aquel, aquella, aquello*; 1º caso: *lo, la, lo*; 1º caso: *mio, mia, lo mio*; 1º caso: *tuio, tuiia, lo tuio*; 1º caso: *suio, suia, lo suio*; 1º caso: *nuestro, nuestra, lo nuestro*; 1º caso: *vuestro, vuestra, lo vuestro*. Todos os outros casos se declinam por proporção de *aquel* pronomē *este, esta, esto*. Salvo que *el, la, lo* tem somente no 3º caso do singular e plural *le* e *les* comuns dos três gêneros, e no 4º caso *lo, la, lo, los, las* é comum de três gêneros de *le* e *les*. Dizemos também no *número de um* para *machos, fêmeas e neutros*: *mi, tu, su*. E no número de muitos: *mis, tus, sus*.

Ao apresentar o *pronomē*, Nebrija não só o caracteriza formalmente por apresentar *declinação em casos* e *em pessoas* determinadas, como

também o define semanticamente como um termo que atua em substituição ao *nome* próprio. São *seis* os *acidentes*⁷ dos pronomes: 1º) *espécie*: primogênita, derivada, três cortados; 2º) *figura*: simples, composta; 3º) *gênero*: masculino, feminino, neutro, comum de três; 4º) *número*: singular, plural; 5º) *pessoa*: 1^a, 2^a, 3^a; 6º) *declinação por casos* – a declinação do pronome se reduz à do nome – *nominativo, genitivo, dativo, acusativo, vocativo e ablativo*.

No capítulo destinado a discutir a categoria *artigo*, Nebrija admite que as formas *el*, *la*, *lo* podem funcionar como *pronome*, como se observa nas orações *Pedro lê e el enseña* (*Pedro lê e ele ensina*) em que *el* (*ele*) funciona como um *pronome demonstrativo ou relativo*, ou podem assumir a função de *artigo*, como é possível verificar na oração *El Pedro ama la María* (*Q Pedro ama a María*) em que as formas *el* (*ele*) e *la* (*ela*) são *artigos*. Ao tratar do *artigo*, o autor atenta para o seu caráter dêitico (*mostrativo*), o que o leva a entender que, em alguns contextos, o *artigo* assume a função de *pronome demonstrativo ou relativo*. Na verdade, o autor atenta para o fato de que um mesmo item gramatical pode assumir rótulos gramaticais diferentes de acordo com a função exercida por tal item gramatical em contextos sintáticos diferentes. Há de se levar em consideração que Nebrija, ao ressaltar o caráter dêitico do *pronome*, dialoga com Apolônio Díscolo, que também o faz, já no séc. II d.c. No entanto, esclarece que somente os *pronomes de 1^a e 2^a pessoas* do discurso assumem um comportamento dêitico, exercendo os *pronomes de 3^a pessoa* a função de anafóricos.

Na *Minerva*, Las Brozas se propõe a *ensinar a norma da verdadeira latinidade* concebida pelos princípios lógicos do racionalismo que se mostram consubstanciados na *gramática*. Ao pensar as partes da oração, o autor se opõe à inclusão do *pronome* como parte da oração. Segundo o autor, a concepção de *pronome* como termo que substitui o *nome* é errônea. Como exemplos, o autor elenca uma série de substantivos que, em conformidade com tal definição, se prestariam a substituir o *nome* como, por exemplo, o vocábulo *poeta* que, ao substituir o vocábulo *Virgílio*, por

exemplo, em uma frase do tipo *Virgílio é um renomado poeta latino*, teria de ser classificado como *pronomé*. O argumento principal usado por Las Brozas para defender a hipótese de que o *pronomé* não constitui parte da oração é a de que tudo antes de assumir uma denominação oficial pode ser chamado de *isto* ou *aquilo* (*hoc*, *illud*). Assim sendo, opta o autor por considerar as formas pronominais *ego*, *tu*, *sui* como *protonomes* (*protonomina*) ou *primeiros nomes*, visto que não assumem a regra de declinação seguida pelos *nomes*.

Las Brozas, ao discutir o valor da definição de *pronomé*, a fim de corroborar a sua hipótese acerca da inexistência do *pronomé*, expõe as reflexões lingüísticas de alguns gramáticos latinos sobre esse rótulo lingüístico, quais sejam: a de Donato, que se questiona sobre o traço responsável por distinguir o *pronomé* do *artigo*, as ponderações de Probo e de Prisciano, que chegam a elencar *vinte e um* (21) e *quinze* (15) tipos de *pronomes*, respectivamente, e a concepção de Varrão acerca dos tradicionais *pronomes demonstrativos latinos* '*hic*', '*haec*', '*hoc*' (*este*, *esta*, *isto*) como *artigos*. A indefinição dos estudiosos da língua acerca da definição de *pronomé* e as suas inconsistentes argumentações levaram o gramático Brocense a argumentar em favor dos *protonomes* em detrimento dos *pronomes*.

A partir da análise do rótulo *pronomé* em gramáticas greco-latinas é possível depreender resquícios da tradição clássica. O *pronomé* é apresentado por Apolônio Díscolo, no séc. II d.c., como o termo que se usa no lugar do *nome* (APOLÔNIO DÍSCOLO, 1987, p. 86 [séc. II d.c.]). Nebrija, em sua *Gramática Castellana*, resgata, no séc. XV, tal conceito de *pronomé* exposto por Apolônio, no séc. II d.c., e que, segundo Neves (2005, p. 166), já havia sido registrado por Dionísio o Trácio, no séc. II a.c.

Destoando das definições de *pronomé*, apresentadas por Apolônio Díscolo e por Nebrija, está o conceito de *pronomé* sob os olhares de Varrão e de Las Brozas. Enquanto o gramático romano Varrão entende os tradicionais *pronomes* da língua latina como *articulus*, no sentido de

articuladores, expondo os *pronomes* sob as denominações de *provocabula* e *pronomina*, o gramático Las Brozas desconsidera o rótulo *pronomes* como *termo que substitui os nomes*. Las Brozas, apesar de ser um gramático humanista do séc. XVI, não retorna à cultura greco-latina, propondo uma inovadora concepção de *pronomes*. Admite que os itens gramaticais *ego, tu, sui (pronomes pessoais) hic, haec, hoc (pronomes demonstrativos)* devem ser rotulados de *protonomes*, pois representam a primeira denominação a ser dada aos seres de um modo geral. Trata-se de *protonomes* porque são anteriores aos *nomes*, podendo assumir também a denominação de *primeiros nomes*, segundo o gramático Brocense.

3 O ‘Pronome’ na gramática setecentista do Francês: a contribuição do racionalismo de Port-Royal para a construção do discurso da tradição gramatical no português

Produzida pelos humanistas de Port-Royal, Arnauld e Lancelot, em 1660, a gramática de Port-Royal, de base especulativa, privilegia o retorno à tradição greco-latina, consolidando a relação entre o pensamento e a linguagem. O conceito de *gramática* que subjaz ao racionalismo francês de Port-Royal é o da “arte de falar”, Cf. Arnauld e Lancelot (2001, p. 3 [1660]). Falar é explicar os pensamentos por meio de signos arquitetados pelos seres humanos e realizados através dos sons. Como, porém, esses sons se esvaem no discurso, coube ao falante a elaboração de outros signos que registrassem os pensamentos humanos a partir de caracteres da língua escrita. A partir do conceito de *gramática* de Port-Royal subentende-se o conceito de língua escrita como expressão da língua falada, que, por sua vez, representa a expressão do pensamento humano. A noção de *gramática* projetada pelos gregos e ratificada na *gramática de Port-Royal* apresenta-se, pois, diretamente relacionada à manifestação do pensamento humano por meio do código escrito.

Considerando a idéia de que as palavras são signos lingüísticos voltados

para a expressão do pensamento toma-se por base o fato de a filosofia admitir *o conceber*, *o julgar* e *o raciocinar* como três conexões da capacidade humana de pensar logicamente. Os gramáticos Arnauld e Lancelot entendem que o *conceber* como a expressão da reflexão humana em relação à vida é capaz de manifestar as seguintes categorias lingüísticas: *os nomes*, *os artigos*, *os pronomes*, *os particípios*, *as preposições* e *os advérbios*. O *julgar* como a declaração do que já foi concebido expressa-se, na língua, por meio dos *verbos*, das *conjunções* e das *interjeições*. Já o *raciocinar* é entendido como a avaliação feita após a concepção e o julgamento acerca das realidades vivenciadas pelo espírito humano. O raciocínio apresenta-se, pois, como um redimensionamento do julgamento concretizado a partir de atitudes contemplativas do ser humano que o levam a concepção de idéias exteriorizadas ao mundo através da língua escrita.

QUADRO 4

O rótulo *pronomes* e suas subcategorizações no francês,
segundo Arnauld; Lancelot, séc. XVII.

PRONOME

Definição: “Como os homens foram obrigados a falar muitas vezes das mesmas coisas num mesmo discurso e fosse monótono repetir sempre as mesmas palavras, inventaram certos vocábulos para substituir esses nomes, sendo por isso denominados pronomes.” (ARNAULD; LANCELOT, 2001: 54 [1660]. Usa-se o *pronomes de 1^a pessoa* para fazer referência a quem fala (*ego, moi, je, (eu)*), o *pronomes de 2^a pessoa* para fazer nomear a quem se fala (*tu, toi ou vous – (tu ou vós)*) e o *pronomes de 3^a pessoa* para aludir às pessoas ou às situações comunicativas das quais se fala (*ille, illa, illud; il, elle, lui*). Como exercem a função dos *nomes*, os *pronomes* também assumem as suas propriedades mórficas tais como: *Número (singular e plural)*: *je – nous; tu – vous; Gênero – il (ele), elle (ela); Casos – ego (eu), me, je (me) moi (mim)*.

CLASSIFICAÇÃO DO PRONOME

Os *pronomes* são classificados em *pessoais* (*ego, moi, je; tu, toi ou vous; ille, illa, illud; il, elle, lui*) em *demonstrativos* (*hic, celui-ci; is te, celui-lá*), em *recíprocos* (*sui, sibi, se*), em *possessivos* (*mon, ton, son*) e em *relativos* (*qui, quae, quod – qui, lequel, laquelle*).

Como expressão da capacidade humana de *conceber*, os gramáticos de Port-Royal conceituaram os *pronomes* como vocábulos usados para substituir os *nomes* em francês. Assim sendo, entenderam que a repetição dos *nomes* numa situação dialógica poderia tornar enfadonho o discurso, o que licencia a introdução do pronome de 1^a pessoa no lugar daquele que fala, do pronome de 2^a pessoa no lugar daquele com quem se fala e do pronome de 3^a pessoa para fazer menção às pessoas ou às circunstâncias comunicativas das quais se fala. Os autores optaram por classificar os *pronomes* como *demonstrativos*, como *recíprocos*, como *possessivos* e como *relativos*. Apontaram como suas propriedades formais a capacidade de desdobrarem-se (*flexionarem-se*) em *número, gênero e casos*.

A abordagem da categoria *pronomes* na gramática de Port-Royal se dá com o resgate do teor especulativo que nutria os estudos gramaticais greco-latino. A idéia de que o *pronomes* atua como um termo que representa o *nome*, já anunciada, no séc. II d.c, por Apolônio Díscolo, é retomada, no séc. XVII, pelos estudiosos de Port-Royal. A apreciação dos gramáticos de Port-Royal acerca da categoria gramatical *pronomes* como representante do *nome* se constitui como uma reflexão em busca da coerência do pensamento humano (do racionalismo humano) e, conseqüentemente, coerência na expressão discursiva da capacidade de pensar do ser humano que, para não tornar o discurso cansativo, opta por substituir o *nome* pelo *pronomes*.

4 O ‘Pronome’ em gramáticas da língua portuguesa dos séc.s XVI e XVIII: da preocupação com a descrição do vernáculo à valorização do ensino de português como língua materna

O conceito de *gramática* que embasa o pensamento humanista de Fernão de Oliveira, ao compor a *Gramática da Linguagem Portuguesa* (2000 [1536]), é a de uma descrição do português seiscentista com o intuito de promover o seu ensino como língua materna aos portugueses.

O espírito expositivo que impulsiona Oliveira a confeccionar uma gramática do português é proveniente do caráter descritivo da gramática do castelhano produzida, em 1492, por Nebrija, conforme acredita Coseriu (*apud* OLIVEIRA, 2000 [1536], p. 31). Casagrande (2004, p. 43), ao pensar a relação da elaboração de gramáticas da língua portuguesa seiscentista com o ensino, assume acertadamente que:

(...) como primeira anotação da Língua Portuguesa, a Gramática de Fernão de Oliveira instaura as bases da gramática que seria utilizada até o séc. XIX. (...) essa primeira anotação sobre a Língua Portuguesa é feita com base nos preceitos doutrinários que regiam o ensino de língua na época, quais sejam: o de descrever a língua materna objetivando sua aprendizagem e o de valoriza-la como instrumento de caráter social, cultural e político, tendo em Fernão de Oliveira seu precursor (CASAGRANDE, 2004: 43)

Apesar de Fernão de Oliveira explicitar uma definição clássica de gramática como a “arte que ensina a bem ler e falar” (Cf. OLIVEIRA, 2000 [1536], p. 87), o autor se destaca por produzir, em vinte e quatro capítulos de sua gramática, uma pormenorizada descrição objetiva do sistema fonológico do português europeu seiscentista.

Fernão de Oliveira, em apenas sete capítulos de sua gramática dedicados à morfossintaxe portuguesa, ao descrever, no capítulo 46, “o estado das cousas e dos casos nos pronomes”, admite que há declinações casuais em três *pronomes*: *eu – me, mi; tu – te, ti; ele/ela – se, si*. Como o autor não chega a explicitar uma definição de *pronomes*, é possível inferir que ele o concebe como o termo que substitui o *nome*, visto que admite os *pronomes pessoais* como vocábulos que assumem declinações casuais, tais quais os *nomes* na língua portuguesa.

Fernão de Oliveira incluiu, conforme critica Coseriu, sob o rótulo de *artigo relativo*, o pronome oblíquo átono ‘*o*’ nas formas verbais *di-lo-emos* e *ama-lo-íamos* em que o ‘*o*’ se mostrou mesoclítico ao verbo. Parece que se deixando levar pela memória dêitica que o *artigo* carrega, o

gramático concebe os tradicionais *pronomes oblíquos átonos* do português como *artigos relativos*.

João de Barros conceitua a gramática, em sua *Gramática da Língua Portuguesa*, como “vocábulo grego: quér dizer ciênciā de lêteras. E, segundo a definiçám que lhe os Gramáticos deram, é um modo çérto e justo de falár e escrever, colheito do uso e autoridade dos barões.” (BARROS, 2006 [1540], p. 1). É interessante observar ainda a explicitação do caráter pedagógico dessa gramática, na sessão destinada à ‘definiçam da gramática e as pártes dela’ (BARROS, 2006, p. 1 [1540]):

(...) E, porque a más pequena destas partes é a lêtera, donde se todalas dições compõem, vejamos primeiro dela e desi das outras três, nam segundo convém à ordem da Gramática especulativa, mas como requére a preceitiva, usando dos termos da Gramática latina cujos filhos nós somos, por nam degenerár dela. E também porque as ciências requérem seus próprios termos per onde se [h]am de aprender, como as obras mecânicas instrumentos com que se fázem, sem os quáes nenhua destas se pôde entender nem acabár. (BARROS, 2006 [1540], p. 1.)

Ao especificar o teor pedagógico a ser assumido em sua gramática, Barros admite que irá expor a vertente (*norma*) culta do português seiscentista, libertando-se do caráter especulativo das gramáticas greco-latinas e comprometendo-se com o ensino do português culto com base nos preceitos lingüísticos delineados pela gramática latina.

QUADRO 5

O rótulo *pronomе*, suas *subcategorizações* e seus *acidentes*, conforme Barros, séc. XVI.

PRONOME

Definição: “(...) pronomе como párte da òraçãm que se põe em lugár do nome, e por isso dissemos que era conjunta per matrimónio e daqui tomou o nome.” (Cf. BARROS, 2006: 11 [1540].)

CLASSIFICAÇÃO DO PRONOME

Os *pronomes* são classificados em *primitivos* (*eu, tu, si, este, esse, ele*) e *derivados* (*meu, teu, seu, nósso, vósso*). São *demonstrativos* os pronomes *eu, nós, vós, este, estes*. Os *nomes relativos* subdividem-se entre os de *substânciа*: *que, o qual*; os de *acidente*: *tal, qual, tanto, quanto, tamanho, quamanho, os quáes*; os de *calidáde*: *tal, qual* e os de *quantidade*: *tamanho, quamanho*.

ACIDENTES DO PRONOME

João de Barros adota os preceitos da tradição greco-latina, principalmente, por admitir que tanto os *nomes*, quanto os *pronomes* assumem seis *acidentes*⁸, tais como: *especiа, gênero, número, figura, pessoa e declinação*. Em relação a *especiа*, os pronomes distinguem-se entre *primitivos* (*eu, tu, si, este, esse, ele*) e *derivados* (*meu, teu, seu, nósso, vósso*). São quatro os *gêneros* dos pronomes: *masculino (este), feminino (esta), neutro (isto) e comum de dois (eu, tu, de si)*. Em *número*, os pronomes podem se flexionar no *singular* (*Eu confesso a Cristo*) e no *plural* (*E nós, que o confessamos, guardamos mal sua doutrina por nossas culpas.*) No que se refere às *figuras*, há os *pronomes simples* (*eu, tu, este, esse*) e os *compostos* (*eu mesmo, tu mesmo, aqueste, aquesse*). Com relação ao traço de *pessoa*, os pronomes apresentam três pessoas do discurso: 1^a – aquela que fala (*eu*), 2^a – aquela com quem se fala (*tu*) e 3^a – aquela de quem se fala (*ele*). Os *pronomes de 1^a, 2^a e 3^a pessoas* do discurso, os *pronomes possessivos* e os *nomes relativos* se *declinam* em casos: *nominativo, genitivo, dativo, acusativo, vocativo e ablativo*.

Ao conceituar o *pronomе* como termo que substitui o *nome*, João de Barros adota os preceitos da tradição greco-latina, principalmente, por admitir que tanto os *nomes*, quanto os *pronomes* (*pessoais, possessivos e relativos*) assumem os seis *acidentes*, tais como: *especiа, gênero, número, figura, pessoa e declinação*. Em relação a *especiа*, os pronomes distinguem-se entre *primitivos* e *derivados*. São quatro os *gêneros* dos pronomes: *masculino, feminino, neutro e comum de dois*. No que se refere às *figuras*, há os *pronomes simples* e os *compostos*. No que se refere aos traços de *número* e

de *pessoa*, os *pronomes* podem se flexionar no *singular* e no *plural* e em relação às três pessoas do discurso, respectivamente. Esclarece o autor que os *pronomes de 1^a, 2^a e 3^a pessoa* do discurso, os *possessivos* e os *nomes relativos* se declinam em *casos: nominativo, genitivo, dativo, acusativo, vocativo e ablativo*. É importante observar que Barros inclui, sob a denominação de *nomes relativos*, os vocábulos que figuram, na gramática normativa atual, como os nossos *pronomes relativos* em português e os subcategoriza, à luz do critério semântico de classificação, como *nomes relativos de substância, de acidente, de calidade e de quantidade*.

O gramático João de Barros (2006: 11 [1540]), ao descrever os *acidentes* do *pronom* em relação à *espécie*, entende que “Eu, nós, vós, este, estes, sam demonstrativos porque cásí demóstram a causa, per semelhante exemplo: ‘Este livro é do príncipe, nôss^o senhor’”. É interessante também atentar para o fato de Barros (2006, p. 11 [1540]) afirmar que “Ele, esses, com seus pluráles chamam-se relativos, por fazerem relacám e lembrança da causa dita, posto que o seu principal ofício seja demonstrativo”. Ao incluir os tradicionais pronomes pessoais *eu*, *nós* e *vós* dentre os pronomes demonstrativos, o gramático português dialoga com a concepção oitocentista do também gramático português Reis Lobato que descreve os *pronomes pessoais* como um subtipo dos *pronomes demonstrativos* do português por demonstrarem a(s) pessoa(s) do discurso envolvida(s) na situação comunicativa.

Antonio Jozé dos Reis Lobato, em sua *Arte da Grammatica Portuugueza* (1824 [1770]), admite que o ensino de língua portuguesa para falantes nativos do idioma é motivado por duas razões principais: 1^a) para a estruturação da fala sem *erros* e 2^a) para a aprendizagem dos fundamentos da língua materna. Na introdução da *Arte da Grammatica Portugueza*, Reis Lobato esclarece que o seu objetivo principal é instruir a mocidade portuguesa acerca dos preceitos que regem a correta expressão em língua portuguesa. O autor explica que o seu intuito é precisamente pedagógico, apesar de ter adotado como referencial teórico os estudos de renomados gramáticos latinos tais como *Las Brozas, Perizonio, Vossio, Sciopio*, o que

se justifica, segundo o autor, pela relevância da filosofia como suporte teórico para pensar a natureza das partes constituintes da oração.

No proemio, Reis Lobato, ao definir a *Grammatica Portugueza* como a “Arte, que ensina a fazer sem erros a oração portugueza” (REIS LOBATO, 1824, p. 1 [1770]), esclarece que a oração é o foco das regras gramaticais.

QUADRO 6

O rótulo *pronom e suas espécies*, segundo Reis Lobato (1824 [1770]).

PRONOME

Definição: “Pronome é aquelle que, na oração se põe em lugar do nome, como quando digo Pedro estuda Grammatica, e o mesmo ha de estudar Rhetorica. Onde a palavra mesmo he pronom, que se põe em lugar do nome Pedro, para evitar a sua repetição; pois seria fastidiosa no mesmo periodo, se disséssemos: Pedro estuda Grammatica, e há de estudar Rhetorica.” (REIS LOBATO, [1824] 1770: 32-33.)

ESPÉCIES DO PRONOME

O gramático admite que o *pronom e* se divide em *espécies*⁹ quais sejam: *demonstrativo* (*eu, tu, ele/ela, nós, vós, eles/elas, este, esta, essa aquelle, aquella, isto, isso, aquillo*), *recíproco* (*se*), *possessivo* (*meu, minha, teu, tua, seu, sua, nosso, nossa, vossa, vossa*), *relativo* (*qual, que, quem*) e *interrogativo* (*que, qual, quem*).

No que se refere ao *pronom e*, observa-se que Reis Lobato o define como o termo que representa o *nome* em português, reproduzindo assim o discurso das gramáticas greco-latinas. O gramático admite que o pronom e se divide em espécies quais sejam: *demonstrativo, recíproco, possessivo, relativo e interrogativo*. É interessante observar que o autor, ao definir os *pronomes demonstrativos* como aqueles que se prestam a mostrar a pessoa do discurso na situação dialógica ou algum outro fato, assume que três desses *pronomes demonstrativos* são os *pessoais*. São eles: o pronom e *eu* que aponta a pessoa que fala, o pronom e *tu* que indica com quem se fala e os pronomes *elle, ella* que mostram as pessoas de quem se fala.

A inclusão dos *pronomes pessoais* dentre os *pronomes demonstrativos* do português evidencia, sem dúvida alguma, que o gramático toma por base

o caráter dêitico de tais *pronomes pessoais*. Por outro lado, o autor assume uma atitude conservadora, ao definir o *pronomo* como um termo que representa o *nome* em português e ao apresentá-lo como um vocábulo que tal qual o *nome* é passível de assumir declinação, reproduzindo assim o discurso da tradição gramatical greco-latina representado, nesta análise, pelo estudo de Apolônio Díscolo (séc. II d.c.).

5 Considerações finais

A leitura transversal do rótulo *pronomo* em gramáticas, que, no eixo do tempo, recobrem o período que vai desde os estudos gramaticais greco-latinos (*Varrão*, no séc. I a.c, e *Apolônio Díscolo*, no séc. II d.c) até as gramáticas portuguesas dos sécs. XVI e XVIII, evidenciou que a sua definição como *termo que substitui o nome* representa uma herança da tradição clássica.

É possível, contudo, detectar a abordagem de outras categorias gramaticais contempladas pelo rótulo *pronomo*. O gramático romano do séc. I a.c, *Varrão*, classifica os tradicionais *pronomes interrogativos* (*quis, quae, quod*) e *demonstrativos latinos* (*hic, haec, hoc*) como *artigos*. Essa taxonomia adotada por Varrão parece evidenciar a sua percepção acerca da genuína noção de *artigo* proveniente do latim *articulus -i* (*unir pelas articulações, juntar por cadeias, ligar, unir*, cf. Cunha, 1982, p.73). Já Apolônio Díscolo, no séc. II d.c, em seu estudo sobre a sintaxe helênica, recupera os tradicionais *pronomes relativos* sob o rótulo de *artigo pospositivo* ou *pronomo relativo* (*que, o qual(s), a qual (s)*) como um termo que retoma o *nome*, articulando-o à oração da qual faz parte de modo a integralizá-lo o sentido.

A análise do rótulo *pronomo* nas gramáticas portuguesas seiscentistas (OLIVEIRA, 2000 [1536] e BARROS, 2006 [1540]) e oitocentista (REIS LOBATO, 1824 [1770]) evidenciou o resgate da tradição gramatical helênica em relação à sua definição como termo que substitui o *nome* em português. É interessante atentar, porém, para as subcategorizações do

pronomes em tais gramáticas portuguesas, a fim de explicitar as categorias gramaticais reunidas sob a denominação de tal rótulo lingüístico.

Na *Gramática da Linguagem Portuguesa* (2000 [1536]), Fernão de Oliveira optou, ao descrever o *estado das cousas e dos pronomes*, por esclarecer as declinações casuais de três pronomes em português (*eu – me, mi; tu – te, ti; ele/ela – se, si*), o que parece sugerir que o *pronomes* atue em substituição ao *nome*, pois tal como o *nome* o *pronomes* também se desdobra em declinações casuais. Não se observa, pois, a preocupação de Oliveira em subcategorizar o *pronomes* no português seiscentista.

Na *Gramática da Língua Portuguesa* (2000 [1540]), João de Barros subcategoriza os *pronomes* em demonstrativos, nomes relativos e possessivos. Cabe aos pronomes demonstrativos (*eu, nós, vós, este, estes*) *demonstrar*, na situação comunicativa, os elementos do discurso. É interessante observar que o autor inclui as formas pronominais de 1^a e 2^a pessoas dentre os *pronomes demonstrativos*, aludindo ao caráter *dêitico* (*mostrativo*) dos *pronomes pessoais*. O gramático português apresenta os pronomes *ele(s)*, *esse(s)* como *nomes relativos* que retomam a informação anteriormente mencionada, ressaltando o caráter *anafórico* de tais pronomes em português. Atente-se para o fato de o pronomes *ele(s)* ter assumido o subtipo de *nome relativo*, o que remete a depreensão das *funções dêitica e anafórica* dos *demonstrativos* em português. Os pronomes interrogativos (*quem, quais*) e relativos (*que, o qual, os quais*) também estão agrupados com a denominação de nomes relativos. Sob a categorização de pronomes possessivos, Barros inclui as formas *meu, nosso, teu, vossa, seu, sua*, esclarecendo que tais formas pronominais também eram concebidas como pronomes adjetivos pelos latinos.

Já Reis Lobato, em *Arte da Gramática da Língua Portuguesa* (1824 [1770]), admite que o *pronomes* se subcategoriza em demonstrativo (*eu, tu, ele/ela, nós, vós, eles/elas, este, esta, essa aquelle, aquella, isto, isso, aquillo*), recíproco (*se*), possessivo (*meu, minha, teu, tua, seu, sua, nosso, nossa, vossa, vossa*), relativo (*qual, que, quem*) e interrogativo (*que, qual, quem*). Segundo Fávero (1996, p. 201), “A gramática de Reis Lobato pouco ou nada

apresenta de novo (...) Pode ser considerado um gramático de transição entre um período da gramática latina e um de renovação filosófica (...). Diante da agudeza de percepção de Reis Lobato não só por investir no caráter pedagógico de sua gramática, como também por abarcar, sob rótulo *pronome demonstrativo*, os *pronomes pessoais* do português, é impossível concordar com Fávero (1996) que considera o seu trabalho irrelevante aos estudos sobre a construção do discurso metalinguístico do português. Desconsidera a autora tanto o acentuado viés pedagógico de sua gramática, quanto a sua coerente apreciação acerca do caráter dêitico dos *pronomes pessoais*, ao inclui-los sob o rótulo gramatical de *pronomes demonstrativos*. Zanon e Faccina (2004, p. 88), ao contrário de Fávero (1996), ressaltam (*acertadamente, diga-se de passagem!*) o caráter inovador da gramática pedagógica de Reis Lobato confeccionada no contexto histórico-social do Séc. das Luzes português, considerando o vasto número de edições dessa obra em Portugal:

A análise parcial da Gramática de Reis Lobato mostra-nos que ela foi uma obra inovadora para sua época. É a primeira que, de forma continuada e sistemática, serve de base para o ensino de Língua Portuguesa, no período de 1770 a 1869, tendo sido a gramática mais editada em Portugal (40 edições). (ZANON; FACCINA, 2004, p. 88.)

QUADRO 7 - Os subtipos de *pronomes* em gramáticas greco-latinas e portuguesas.

<i>Sobre a língua latina</i> (VARRÃO, 1993 [séc. I a.c.].)	<i>Sintaxis</i> (APOLÔNIO DÍSCOLO, 1987 [séc. II d.c.].)	<i>Gramática Castellana</i> (NEBRIJA, 1992 [1492].)	<i>Gramática da Linguagem Portuguesa</i> (OLIVEIRA, 2000 [1536].)	<i>Gramática da Língua Portuguesa</i> (BARROS, 2006 [1540].)
<i>Pronomes</i>	<i>Pronomes</i>	<i>Pronomes</i>	<i>Pronomes</i>	<i>Pronomes</i>
1. Provocacula (NÃO SUBORDINA)	1. Pessoais (<i>primitivos</i>) pronomes de 1 ^a e 2 ^a pessoas do discurso (<i>yo (eu)</i> , <i>tú (tu)</i>)	1. Primogênicos <i>io, tu, si, este, esse, el</i>	<i>eu – me, mi; tu – te, ti; ele/ela – se, si</i>	1. Primitivos <i>eu, tu, si, este, esse, ele.</i>
2. PRONOMINA (SUBORDINA)	2. Possessivos (<i>derivados</i>) (<i>mio (meu)</i> , <i>nuestro (nossa)</i>) (1 ^{as} pessoas do singular e plural, respectivamente) (<i>tuyo (teu)</i>) (2 ^a pessoa do singular)	2. Derivados <i>mio, tuio, suio, nuestro, vosso</i>	<i>Artigo relativo</i> <i>di-<u>lo</u>-emos e ama-<u>lo</u>-íamos</i>	2. Derivados <i>meu, teu, seu, nosso, vósso</i>
Artigos (<i>QUIS, QUAE, QUOD</i>) (<i>Hic, Haec, Hoc</i>)	3. Demonstrativos (<i>aquél (aquele)</i> , <i>este (este)</i>)			3. Demonstrativos <i>eu, nós, vós, este, estes.</i>
	<i>Artigo</i> Artigo Pospositivo (<i>pronomes relativos</i>) “ <i>me encontrei com um homem ao qual ofereci hospitalidade</i> ”			4. <i>Nomes Relativos</i> (<i>pronomes relativos</i>) <i>de substância:</i> <i>que, o</i> <i>qual; de acidente:</i> <i>tal, quál, tanto,</i> <i>quanto, tamanho,</i> <i>quamanho, os</i> <i>quádes; de</i> <i>calidáde:</i> <i>tal, qual;</i> <i>de quantidade:</i> <i>tamanho,</i> <i>quamanho.</i>
	<i>Artigo</i> Artigo Prepositivo (<i>artigo determinado</i>) “ <i>um homem passeia</i> ”, “ <i>um homem cantando</i> ”			

Continua

<i>Minerva o De la propiedad de la lengua latina (LAS BROZAS, 1976 [1587].)</i>	<i>Gramatica de Port-Royal (ARNAULD; LANCELOT, 2001 [1660].)</i>	<i>Arte da Gramática da Língua Portuguesa (REIS LOBATO, 1824 [1770].)</i>	<i>Gramática Normativa da Língua Portuguesa (ROCHA LIMA, 2001 [1972].)</i>	<i>Nova Gramática do Português Contemporâneo (CUNHA; CINTRA, 1985.)</i>
Não há a categoria Pronome. Existem os Pronomes ou Primeiros Nomes <i>ego, tu, sui.</i>	<i>Pronomes</i>	<i>Pronomes</i>	<i>Pronomes</i>	<i>Pronomes</i>
	1. Pessoais <i>ego, moi, je, (eu); tu, toi ou vous; ille, illa, illud; il, elle, lui</i>	1. Demonstrativos <i>eu, tu, ele/ela, nós, vós, eles/elas, este, esta, essa aquelle, aquella, isto, isso, aquillo</i>	1. Pessoais <i>eu, nós, tu, você (s), ele (s), ela (s); me, nos, te, você (s), o (s), a (s), vos, se, lhe (s), mim, nós, ti, vós, comigo, contigo, conosco, convosco, consigo</i>	1. Pessoais <i>eu, tu, ele, ela, nós, vós, eles, elas; me, te, o, a, lhe, nos, vos, os, as, lhes; mim, comigo, ti, contigo, nós, conosco, vós, convosco</i>
	2. Demonstrativos <i>hic, celui-ci; is te, celui-lá</i> (este, esse ou aquele)	2. Recíproco <i>se</i>	<u>Tratamentos de Reverência</u> <i>Você, Vossa Majestade, Vossa Excelência, Vossa Senhoria etc.</i>	2. Pronomes de Tratamento <i>Vossa Alteza, Vossa Eminência, Vossa Excelência, Vossa Magnificência, Vossa Majestade, Vossa Excelência Reverendíssima, Vossa Paternidade, Vossa Santidade</i>
	3. Recíprocos <i>sui, sibi, se (si)</i>	3. Possessivos <i>meu, minha, teu, tua, seu, sua, nosso, nossa, vosso, vossa</i>	2. Possessivos <i>meu (s), minha (s), teu (s), tua (s), seu (s), sua (s), nosso (s), nossa (s), vosso (s), vossa (s)</i>	3. Possessivos <i>meu (s), minha (s), teu (s), tua (s), seu (s), sua (s), nosso (s), nossa (s), vosso (s), vossa (s)</i>
	4. Possessivos <i>mon, ton, son (meu, teu, seu) nos, vos (nossos, vossos) mien, tien, sien (o meu, o teu, o seu) nôitres, vôitres (os nossos, os vossos) notre, votre (seu, dele) leur, leurs (seus, deles)</i>	4. Relativos <i>qual, que, quem</i>	3. Demonstrativos <i>este, esse, aquele, isto, isso, aquilo</i>	4. Demonstrativos <i>este (s), esse (s), aquele (s), esta (s), essa (s), aquela (s), isto, isso, aquilo</i>
	5. Relativos <i>qui, quae, quod – qui, lequel, laquelle</i>	5. Interrogativos <i>que, qual, quem</i>	4. Relativos <i>que, o qual, a qual, os quais, as quais, quem, cujo, onde</i>	5. Relativos <i>o qual, os quais, cujo, cujos, quanto, quantos, a qual, as quais, cuja, cujas, quantas, que, quem, onde</i>
			5. Interrogativos <i>quem, que, qual, (quando, onde)</i>	6. Interrogativos <i>que, quem, qual, quanto</i>

A análise das subcategorizações do *pronomе* em gramáticas do séc. XX deve perpassar também pela definição desse rótulo sob as perspectivas teóricas de Rocha Lima (2001 [1972]) e de Celso Cunha (1985).

Pronome é a palavra que denota o ente ou a ele se refere, considerando-o apenas como pessoa do discurso. (ROCHA LIMA, 2001, p. 110 [1972])

Os PRONOMES desempenham na oração as funções equivalentes às exercidas pelos elementos nominais. Servem, pois:

- a) para representar um substantivo
- b) para acompanhar um substantivo determinando-lhe a extensão do significado.” (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 268.)

Com base no Quadro 7, é possível constatar que as gramáticas do português confeccionadas, em 1957, por Rocha Lima, antes, portanto, da instituição da *Nomenclatura Gramatical Brasileira* – NGB¹⁰ – (1959), e por Celso Cunha, em 1985, resguardam da tradição grammatical (APOLÔNIO DÍSCOLO, séc. II d.c) a subcategorização dos *pronomes* em *pessoais*, *possessivos* e *demonstrativos*. Enquanto o gramático Rocha Lima incluiu as *formas de tratamento de reverência* dentre os *pronomes pessoais*, admitindo seis classificações para o rótulo *pronomе*, Celso Cunha, porém, subcategorizou os *pronomes de tratamento* separadamente, apresentando sete classificações para o rótulo *pronomе*. Acredita-se que a inclusão dos *pronomes de tratamento* como uma subcategoria dos *pronomes* do português mereça uma minuciosa investigação acerca do momento histórico-social em que tal rótulo pôs-se a receber um tratamento mais grammatical. É interessante destacar que os atuais *pronomes relativos*, resgatados da tradição grammatical helênicas, por Rocha Lima e por Celso Cunha, já tinham sido contemplados, por Apolônio, no séc. II d.c, sob o rótulo de *artigo pospositivo*. Os *pronomes interrogativos* também já haviam sido abordados, até onde, é claro, os limites deste estudo permitem inferir, por Reis Lobato que, em 1770, na sua *Arte da Gramática da Língua*

Portuguesa, descreve tal subtipo de pronome. No que se refere aos *pronomes indefinidos*, respeitando-se a abrangência desta investigação, não foram encontradas referências em outros textos gramaticais do *corpus* de gramáticas em análise, evidenciando assim que se fazem necessárias análises lingüísticas que visem a desvendar o período histórico-social em que tal rótulo começou a ser contemplado pelo discurso da tradição gramatical.

Averiguou-se, pois, que a definição de *pronomes* e as suas subcategorizações em *pessoais* (primitivos), *demonstrativos* e *possessivos* (derivados) perduram até o séc. XXI como uma herança da tradição clássica, isto é, como indícios das produtivas reflexões lingüístico-filosóficas acerca da língua grega formuladas por Dionísio o Trácia (séc. II a.c) e por Apolônio Díscolo (séc. II d.c).

Notas

- 1 Convém esclarecer que a preferência por *sublinhar* e/ou *negrifar* as informações destacadas em *todas as citações* expostas neste texto é uma opção da autora deste artigo.
- 2 As reflexões filosóficas dos *estóicos* estão relacionadas à origem da linguagem, à Lógica e a Retórica. Já os *Alexandrinos* se envolveram mais com os trabalhos de Crítica Literária, segundo Lyons (1979, p. 8).
- 3 Conforme Neves (2005, p. 122), “Supõe-se que em Aristarco estava depositado todo o conhecimento gramatical de seu tempo. Seus estudos que chamaríamos gramaticais abrangem tudo o que pode ser compreendido no sentido mais amplo do termo. Ele é chamado princípio (*koryphaíos*) dos gramáticos, ou o gramático por excelência (*grammatickótatos*) (Cf. SMITH, 1961)”. Toda a produção de Aristarco se perdeu. A relevância do seu trabalho passa por ele ter inaugurado o reconhecimento de *oito* partes do discurso (*nome, verbo, particípio, pronome, artigo, advérbio, preposição e conjunção*) além de, a Aristarco, ser conferida a autoria da obra *Sobre a analogia*.
- 4 O ano de 1916 é a referência à publicação da 1^a edição do *Curso de Lingüística Geral* de Ferdinand de Saussure.
- 5 A descrição dos *acidentes dos pronomes* se dá no capítulo VIII do livro terceiro da *Gramática Castellana* (p. 237, 239 e 241).

- 6 Nebrja abre um capítulo da sua *Gramática Castellana* em que descreve a *declinação do pronome*, no capítulo III do livro quinto (p. 323-327).
- 7 Entendam-se, como *acidentes pronominais*, as variações do pronome. É interessante observar que Nebrja ao descrever, as variações dos pronomes (*acidentes pronominais*), apresenta a *espécie* como um tipo de variação pronominal. Na verdade, pareceu-me que o autor incluiu a classificação dos pronomes em *primogêneros* e *derivados* dentre os tipos de variações pronominais. Essa mesma confusão entre os conceitos de *variação pronominal* (desdobramentos dos pronomes) e de *classificação pronominal* (tipos de pronomes) vai se repetir na gramática do português seiscentista de João de Barros.
- 8 Ao afirmar que os *pronomes* assumem *seis* acidentes, espera-se que Barros trate exclusivamente das *variações pronominais*. No entanto, inclui o autor, dentre os acidentes pronominais (*variações pronominais*), as classificações dos *pronomes* em *primitivos* e *derivados*.
- 9 Reis Lobato, ao afirmar que o *pronome* se divide em *espécies*, usa tal vocábulo como sinônimo de *tipos de pronomes*, isto é, como *classificações dos pronomes*.
- 10 Balbini (1998: 97, *apud* BALBINI, 1997) admite que ‘NUM TRABALHO anterior (BALBINI, 1997) havíamos definido a NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira) como um texto original que produzia uma modificação no papel da autoria do gramático. Ali, dizíamos que o gramático passava de autor a comentarista, nos termos de Foucault.’
- 11 Entendem-se por *fontes primárias* as edições das obras que compuseram o *corpus* de gramáticas em análise neste trabalho.
- 12 Entendem-se por *fontes secundárias* as obras que servem de instrumento de estudo para a análise da questão da tradição gramatical no *corpus* de gramáticas em estudo.

Referências Bibliográficas

Fontes primárias¹¹

APOLÔNIO DÍSCOLO *Sintaxis*. Intr., traducc. y notas por V. Bécares Botas. Madrid: Gredos, 1987 [séc. II d.c].

ARNAULD, A; LANCELOT, C. *Gramática de Port-Royal*. Trad. de Bruno F. Basseto e Henrique G. Murachco. São Paulo: Martins Fontes, 2001 [1660]. A 1^a edição é de 1660.

BARROS, João de. *Gramática da língua portuguesa*. Arquivo Público: Biblioteca da Ajuda – Lisboa – Portugal [1540]. Disponível em: www.estacaodaluz.org.br. Acesso em 02.05.2008.

CUNHA, C; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

LAS BROZAS, F. S. de. *Minerva*. Madrid: Cátedra, 1976 [1587].

NEBRIJA, E. A. de. *Gramática castellana*. Madrid: Fundación Antonio de Lebrija, 1992 [1492].

OLIVEIRA, F. de. *Gramática da linguagem portuguesa* (1536). *Edição Crítica, Semidiplomática e Anastática*. In: TORRES, A.; ASSUNÇÃO, C. (Org.) Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 2000 [1536].

REIS LOBATO, A. J. dos. *Arte da grammatica da língua portugueza*. 15. impressão. Porto: Imprensa na rua de Stº. Antonio, 1824 [1770].

ROCHA LIMA, C. H. da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 41. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001 [1972].

VARRÃO, M. T. *On the Latin Language*. Books VIII – X and fragments. Transl. By Roland G. Kent. Cambridge, Mass.; London: Harvard University Press. 1993 [séc. I a.c].

Fontes secundárias¹²

AUROUX, S. *A Revolução tecnológica da gramaticalização*. Campinas: Ed. Unicamp, 1992.

BALDINI, L. A NGB e a autoria do discurso gramatical. *Línguas Instrumentos Lingüísticos*, Campinas, n. 1, p. 97-106, 1998.

- CASAGRANDE, N. dos S. A gramática da linguagem portuguesa de Fernão de Oliveira: desvelando a relação entre a gramática e o ensino no séc. XVI. In: BASTOS, N. B.; PALMA, D. V. (Org.). *Historia entrelaçada: a construção de gramáticas e o ensino de língua portuguesa do séc. XVI ao XIX*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p. 25-43.
- CUNHA, A. G. da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FÁVERO, L. L. *As concepções lingüísticas no séc. XVIII – a gramática portuguesa*. Campinas: Ed. Unicamp, 1996.
- LYONS, J. *Introdução à lingüística teórica*. São Paulo: Ed. USP, 1979.
- MATTOS E SILVA, R. V. *Tradição gramatical e gramática tradicional*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2002.
- NEVES, M. H. de M. *A vertente grega da gramática tradicional: uma visão do pensamento grego sobre a linguagem*. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Ed. Unesp, 2005.
- SAUSSURE, F. de. *Curso de Lingüística Geral*. Trad. Antonio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Bliksteins. São Paulo: Cultrix/USP, 2004 [1969].
- ZANON, M.; SILVA FACCINA, R. L. da. A arte da grammatica da língua portuguesa, de Reis Lobato, e sua contribuição para o ensino do português no Brasil do séc. XVIII. In: BASTOS, N. B.; PALMA, D. V. (Org.). *Historia entrelaçada: a construção de gramáticas e o ensino de língua portuguesa do séc. XVI ao XIX*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p. 75-89.